

Cristiane Hengler Corrêa Bernardo¹
Silvia Cristina Vieira²
Ana Elisa Bressan Smith Lourenzani³
Andréa Rossi Scalco⁴
Roberto Bernardo⁵

Mitigando as barreiras de comunicação entre pesquisador e produtor rural

Introdução

O processo de comunicação é complexo e exige que os vários componentes que integram tal sistema utilizem códigos apropriados e meios adequados (LUHMANN, 1993). No entanto, isso, por si, não garante a eficácia da comunicação; é necessário que vários elementos de apoio sejam utilizados no sentido de mitigar os ruídos e ultrapassar as barreiras de comunicação que se erguem.

A comunicação faz parte do processo que caracteriza a pesquisa científica. Não se pode especificar um momento apenas para que a comunicação esteja presente nesse processo, uma vez que esta permeia toda pesquisa científica, desde as primeiras motivações que despertam o interesse do pesquisador, perpassa pela elaboração do problema, das hipóteses, das discussões e resultados até as conclusões. Está presente

¹ Doutora em Educação pela UFMS e professora Assistente do Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento da Unes. E-mail: cristiane@tupa.unesp.br.

² Mestra em Agronegócio e Desenvolvimento pela UNESP. Membro do Projeto de Extensão CoDAF - Competências Digitais para Agricultura Familiar e dos grupos de pesquisa Pesquisa em Gestão e Educação Ambiental (PGEA) e Centro de Pesquisa em Administração e Agronegócio (CEPEAGRO). E-mail: tinavieiragomes@hotmail.com.br.

³ Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pós-doutorado pela Kansas State University. Professora assistente da UNESP. E-mail: anaelisa@tupa.unesp.br.

⁴ Mestrado em Engenharia de Produção pela UFSCar e doutorado em Engenharia de Produção pela UFSC. Pesquisadora do CEPEAGRO e professora assistente doutor da UNESP. E-mail: andrea@tupa.unesp.br.

⁵ Mestre em Agronegócio e Desenvolvimento pela UNESP e Doutorando em Engenharia de Produção pela UFSCar. Integrante do grupo de pesquisa CEPEAGRO. E-mail: ch.bernardo@uol.com.br.

ainda nas consequências posteriores à publicação e nos debates que venham a ser suscitados em decorrência das constatações ou reflexões trazidas por esta.

A complexidade da comunicação e da ciência são reflexos da sociedade atual, que apresenta uma grande ruptura com os paradigmas da ciência no que se refere à visão clássica de mundo, sustentada pelo modelo positivista. Nesta, configurava-se uma visão ancorada em argumentos como a ordem, a lei universal, a simetria, o método absoluto, o mecanicismo. Tal paradigma foi quebrado a partir de reflexões de que essa forma de pensar é limitada e com isso percebe suas próprias fragilidades (NEVES e NEVES, 2006; SANTOS, 2002).

O processo comunicacional é elemento essencial para toda e qualquer relação de transmissão de informação e de movimento em busca da construção do conhecimento. No entanto, na pesquisa científica tal essencialidade assume papel decisivo para que o conhecimento produzido, efetivamente, seja compartilhado.

No que se refere às pesquisas relacionadas ao agronegócio, esse papel ganha ainda mais importância, visto que pode representar um instrumento de desenvolvimento rural significativo, ao dirigir o processo de produção do conhecimento a partir das demandas da comunidade rural.

Diante desse processo sistêmico construído pela comunicação, este artigo faz um recorte que delimita os instrumentos de coleta de dados como objeto de análise da comunicação com objetivos científicos, identificada nesse texto como comunicação científica. Pretende-se aferir quais são as principais barreiras encontradas pelos pesquisadores dedicados à área do agronegócio ao aplicar os instrumentos para obtenção de dados junto aos produtores rurais. Tais instrumentos podem ser diversos; no entanto, parte-se, para esta pesquisa, dos seguintes: questionários estruturados e semiestruturados, formulários e entrevistas. Tais escolhas referem-se aos instrumentos utilizados pelos pesquisadores durante as suas experiências em coleta de dados junto a produtores rurais e estão diretamente relacionadas a questões comunicacionais que inserem no debate desde signos, significados e significantes até questões físicas e mecânicas, novas tecnologias, entre outras.

Nesse sentido é que, para essa análise, utiliza-se a classificação dessas barreiras, de acordo com as teorias da comunicação, que são categorizadas em barreiras mecânicas, fisiológicas, semânticas, psicológicas, pessoais e administrativas burocráticas (KUNSCH, 2003). Diante do cenário que envolve ambos os sujeitos da pesquisa - o pesquisador do agronegócio e o produtor rural -, acrescenta-se a essas

barreiras as geográficas e a falta de acesso às novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), ausência comumente constatada no ambiente rural (BERNARDO e BERNARDO, 2013).

Dentre as barreiras já descritas, descartam-se as fisiológicas, que são referentes a problemas genéticos ou de malformação dos órgãos vitais da fala ou audição e que não se aplicam à presente análise. Todas as demais barreiras, conceituadas por Kunsch (2003) e as acrescentadas por Bernardo e Bernardo (2013), são adequadas à análise proposta neste artigo e são descritas, individualmente, a seguir.

De acordo com Kunsch (2003), a barreira mecânica é aquela causada por fatores físicos, ou seja, a comunicação não é efetivada ou tem uma falha ocasionada por um aparelho de transmissão com defeito; pode ainda ser causada pelo barulho, pelo ambiente ruidoso ou sem condições de propagação do som e integram ainda o rol de motivos os equipamentos inadequados. No caso específico do ambiente rural, em muitas regiões, ocorre a ausência de muitos meios de comunicação, como celular, telefone, internet, televisão, entre outros. Mesmo quando há a presença de alguns meios, são constantes as falhas nas transmissões das mensagens.

Muitos produtores, principalmente os pequenos, têm dificuldade de investir em equipamentos mais eficientes e, muitas vezes mais caros, para ter melhor acesso, ou simplesmente ter acesso, aos meios de comunicação disponíveis no mercado, o que dificulta muito a adoção de novas tecnologias.

Essa questão da adoção de novas tecnologias perpassa pelas barreiras mecânicas assim como as geográficas, que se verá mais à frente, e que estão intrinsecamente relacionadas. A distância física entre pesquisadores e produtores também influencia diretamente na decisão pela adoção ou não de determinada tecnologia. Magalhães (2011, p.7) afirma que “os agricultores mais isolados das empresas de pesquisa tendem a obter informação defasada em termos competitivos, por chegarem mais tarde e obterem informação provavelmente em fase de superação ou menos competitiva em termos de tecnologias mais recentes que foram lançadas”.

Em pesquisa realizada por Magalhães (2011) para verificar indicadores de bens adquiridos por produtores rurais no estado do Mato Grosso, encontram-se elementos bastante interessantes e que condizem de modo geral com os dados brasileiros. Dos produtores entrevistados 99,5% dispõem de televisão comum ou com antena parabólica. Esse é um índice relevante, visto que para a instalação da televisão há a necessidade de energia elétrica. O rádio ocupa a segunda posição, sendo que 89% dos produtores declaram ter rádio. Em seguida vem o computador, com

74,7%, que é igualado pelo acesso à internet, o que leva à reflexão que o produtor adquire o computador e a internet concomitantemente. O videocassete ocupava a quinta posição entre os bens adquiridos, com 64,3%, vindo antes mesmo do telefone celular que, na ocasião, computava 38,6% dos produtores entrevistados.

Sabe-se que esses índices já mudaram e que em muitas regiões não se configuram da mesma forma, sendo que em algumas o acesso aos meios de comunicação é maior e em outras menor. No entanto, o que se reflete é que a aquisição de muitos desses meios está diretamente vinculada à disponibilidade das tecnologias para que os mesmos funcionem.

A aquisição do computador e da internet são exatamente um reflexo dessa constatação. Tal reflexão encontra amparo ainda nos dados obtidos pelo governo federal, após o Programa de Universalização de Acesso ao Serviço de Distribuição de Energia, denominado mercadologicamente como “Luz para Todos” (Lei 10.438/02), que teve como meta atender dois milhões de produtores rurais familiares ou pequenos produtores e acabou atingindo três milhões, teve como recordista de vendas de meios de comunicação a televisão, totalizando 2,5 milhões de televisores vendidos (PORTAL BRASIL, 2015).

Os ruídos ocasionados pelo uso inadequado de uma linguagem não comum entre o emissor e receptor integram as barreiras semânticas (KUNSCH, 2003). O uso de um código comum a emissor e receptor é premissa da efetividade da comunicação. No caso da comunicação existente entre pesquisador e produtor rural essa barreira pode ocorrer nos dois lados, uma vez que ambos podem usar termos desconhecidos para o outro.

Além do desconhecimento dos códigos, seja pelo rebuscamento da linguagem, da utilização de termos técnicos e até mesmo das gírias, há ainda as dificuldades advindas de maneirismos, regionalidades e no caso da escrita até mesmo do analfabetismo ou a interpretação característica do homem do campo que, como afirma Bordenave (1983), muitas vezes é extremamente literal. “Acostumado a lidar com coisas concretas, o homem do campo interpreta literalmente o que vê representado (...)” (BORDENAVE, 1983, p.81).

A mesma dificuldade na decodificação da linguagem verbal, Bordenave (1983) atribui às mensagens visuais e audiovisuais e afirma que também os códigos pictóricos têm que ser apreendidos para que sejam compreendidos. “Ao ignorar o caráter não natural mas arbitrário os símbolos visuais inventados pelo homem, os comunicadores cometem sérios erros de comunicação quando usam materiais visuais nas áreas rurais” (BORNENAVE, 1983, p.76).

Tais erros relatados pelo autor referem-se ao grau de detalhamento das figuras que não podem ser simplistas ou demasiadas; familiaridade com objeto ou situação representada; tratamentos imaginativos como, por exemplo, a humanização ou personificação de plantas e animais, que pode confundir o homem rural; tamanho real *versus* magnificação (este último pode confundir); percepção das partes; perspectiva da imagem e série de ações sequenciais.

É relevante destacar que essa situação já mudou com relação à perspectiva apontada por Bordenave (1983), em decorrência da aproximação entre os ambientes rurais e urbanos, principalmente trazidas pelos meios de comunicação, em destaque para a televisão e para o computador.

Ressalta-se ainda, que, como afirmam Bernardo e Bernardo (2013, p. 50), “o homem rural não é mais apenas o chamado “matuto” de tempos atrás. Já faz algum tempo que esse cenário vem sendo alterado e tem trazido para a comunicação uma heterogeneidade de públicos, com culturas diversas e níveis de formação muito variados”.

As barreiras psicológicas também vão impactar diretamente neste processo de comunicação, visto que estas envolvem preconceitos e estereótipos que podem ocasionar, nos emissores ou receptores, dificuldades em aceitar determinadas informações. Esse também é o caso das barreiras pessoais que podem dificultar a comunicação, pois nestas barreiras a pessoa em si, de acordo com o seu estado de espírito, suas emoções, valores, personalidade poderão estar mais ou menos dispostas ao diálogo (KUNSCH, 2003).

Bordenave (1983, p.11) relaciona as barreiras pessoais e psicológicas ao que ele chama de “incomunicação socialmente determinada” e que é ocasionada por diversos fatores, dentre os quais se destacam o analfabetismo ou o baixo nível de instrução e diferença de *status*, que faz com este produtor se coloque numa posição de defensiva ao sentir que, por ser menos preparado, esteja em condição de exploração.

As barreiras administrativas burocráticas, que são ocasionadas pela forma como as organizações atuam e processam suas informações, também podem ocasionar ruídos para a comunicação científica, uma vez que o pesquisador muitas vezes está sujeito a inúmeros relatórios, processos licitatórios, entre outros, para que possa se dedicar à pesquisa.

Muitas vezes essa barreira limita sua possibilidade de ir e vir, assim como pode desestimular suas iniciativas de pesquisa, optando por situações mais adequadas ao exigido pela burocracia administrativa. Tal barreira chega a mudar até mesmo a metodologia de pesquisa a ser usada,

se o processo administrativo ao qual o pesquisador está sujeito for muito burocrático.

As barreiras burocráticas também podem ser encontradas na outra ponta da pesquisa, ou seja, nos envolvidos com o objeto pesquisado, pois as cooperativas, associações, sindicatos podem criar barreiras administrativas burocráticas para que o pesquisador chegue até os dados ou até entrevistado.

Constitui-se igualmente uma barreira o excesso de informações disponíveis na atualidade. Teoricamente, essa barreira é denominada de Barreira de Informação e refere-se à sobrecarga de informações, o excesso de reuniões, de papéis institucionais e administrativos. Esse excesso pode, em determinados momentos, tirar o foco do pesquisador da pesquisa, uma vez que grande parte dos pesquisadores brasileiros não se dedica apenas à pesquisa, mas também ao ensino e à extensão, além dos papéis administrativos e institucionais que assumem em suas rotinas diárias e que fazem parte de um plano de carreira cujas exigências levam à sobrecarga de trabalho em outros níveis que não apenas o da pesquisa.

Também constituem barreiras as comunicações incompletas e parciais. São as comunicações efetuadas de forma fragmentada, com distorções, superficiais ou mesmo sonegadas. Constantemente o pesquisador enfrenta essas dificuldades durante a sua pesquisa. No setor do agronegócio alguns fatores favorecem o surgimento dessas barreiras. Como já conceituou Bordenave (1983), o homem rural, em sua maioria, é desconfiado, reservado, tem dificuldade em aceitar as inovações e as questões que não lhe são concretas. Esse perfil pode levá-lo a sonegar informações que seriam fundamentais para o bom andamento da pesquisa.

Somando-se a todas as barreiras já descritas, vem a geográfica, que se apresenta como limitante em diversas ocasiões. Explica-se tal limitação à dificuldade de acesso do pesquisador ao pesquisado, uma vez que grande parte dos produtores rurais brasileiros encontra-se em regiões de difícil acesso, onde muitas vezes não chega nem mesmo a energia elétrica nem sinal de celular.

Por ser o Brasil um país de dimensões continentais, algumas regiões têm uma cobertura menor no desenvolvimento de pesquisas. Mesmo o pesquisador dispondo-se a um recorte nacional, nem sempre o acesso a regiões mais remotas do país é facilitado, seja por ausência de transporte, estradas mal conservadas, falta de hospedagem, fomento, entre outros fatores. Os aspectos geográficos são ainda responsáveis por expressões e culturas próprias de uma região, fatores estes que incidem diretamente na obtenção e tratamento dos dados.

Por fim, a última barreira incluída é a falta de acesso às novas tecnologias de comunicação e informações. Esse item não se refere apenas às questões físicas da tecnologia já abordada nas barreiras mecânicas, mas também à capacitação do produtor para este uso. Realizar uma pesquisa por *e-mail* em determinadas regiões não é apenas um desafio em termos de haver a tecnologia no local, mas também dessa tecnologia estar acessível ao possível usuário.

Bordenave (1983) já dava exemplos de campanhas que pareciam simples aos olhos do homem urbano, mas que não surtiam efeito com o homem rural; não pela indisponibilidade do recurso, mas sim pelo desconhecimento total de sua serventia ou de como deveria ser utilizado. Os exemplos do cartaz sobre água filtrada e das latrinas são clássicos na história da extensão rural no país e fortalecem a ideia de que não basta oferecer o recurso se não houver a capacitação e, principalmente, o despertar da importância daquele determinado recurso junto à comunidade em que está sendo implantado.

Nesse contexto, identificar quais são as principais barreiras na comunicação entre os produtores rurais e pesquisadores do agronegócio, na perspectiva deste último, é o objetivo deste artigo.

Metodologia

Como parte da pesquisa buscou-se, por meio de relatos de experiência de pesquisadores, identificar quais são as principais dificuldades encontradas pelos mesmos para que a comunicação com o produtor rural seja eficiente e, consequentemente, suas pesquisas tenham melhores resultados. Apesar dos vários sujeitos da comunicação, para este artigo a reflexão efetuada centrou-se na perspectiva do pesquisador.

O projeto que dá origem aos dados que alimentam este artigo é composto de sete pesquisadores que dispõem de experiências profissionais diversas e que colaboraram para que a pesquisa não apenas cumpra o seu objetivo, mas encontre soluções metodológicas para a problemática apresentada.

Alguns desses pesquisadores, que serão identificados como P1, P2, P3 e P4 e que são vinculados à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita” (Unesp), realizaram relatos de experiências que serviram de subsídios para as discussões propostas neste artigo.

Também integram esses relatos três pesquisadores externos ao projeto, que serão identificados como E1, E2 e E3. Um deles é pertencente à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), outro pertencente a uma fundação de pesquisa, vinculada a uma cooperativa agrícola, e o terceiro integrou um grupo de pesquisadores ligados à

universidade estadunidense Kansas State University, que realizou pesquisa de campo no Brasil e relata essa experiência em especial.

Os relatos apresentados a seguir são discutidos à luz do conceitual que versa sobre as barreiras de comunicação, complementados por aspectos específicos da comunicação rural, como a barreira geográfica e o acesso às novas tecnologias que acabam por suscitar a necessidade de se refletir sobre a inclusão digital no mundo rural.

Resultados e discussões

Os resultados e discussões apresentados buscam uma mudança de atitudes e de desenvolvimento de habilidades para pesquisadores que voltam suas pesquisas para o agronegócio, uma vez que, ao compreender quais são as principais barreiras identificadas por meio dos relatos, poderão mudar suas atitudes durante o processo de pesquisa e de transferência de tecnologia para o campo.

Nesse contexto, são apresentadas algumas das barreiras identificadas pelos pesquisadores, assim como características do modelo considerado bem-sucedido que podem indicar caminhos para ultrapassar ou, pelo menos, como se propõe, reduzir tais barreiras.

De acordo com a Pesquisador 1 (P1), as principais barreiras estão localizadas no processo da pesquisa em si e não somente na linguagem. Esta última existe, mas já avançou muito em termos de consciência dos pesquisadores e da necessidade de uma linguagem específica acessível ao produtor rural, apesar de ainda haver a necessidade de se aperfeiçoar nesse quesito.

É fato que a preocupação com a adequação da linguagem apropriada ao público-alvo existe; no entanto, na maioria das vezes não há um sistema de acompanhamento, um *feedback* dessa comunicação para confirmação se realmente houve a compreensão da mensagem. Essa etapa de retroalimentação é importantíssima e em grande parte das vezes inexistente no processo de comunicação. O emissor transmite a mensagem por meio de um canal e essa mensagem chega ao receptor, mas não é oferecida uma possibilidade de comunicação inversa (retroalimentação ou *feedback*) para verificar se realmente a mensagem chegou e, principalmente, se ela foi compreendida.

O P1 entende, ainda, que o início do processo de pesquisa, para que esta tenha mais eficácia deve começar com a demanda do produtor. Mesmo que o produtor não tenha consciência total dessa demanda, o pesquisador deverá estabelecer diálogo em busca de elementos que denotem a necessidade real para fomentar sua pesquisa. Na medida em que o produtor “atesta” essa necessidade, o pesquisador terá maior acesso

para a obtenção dos dados e, conseqüentemente, também o extensionista terá mais facilidade no momento da transferência de tecnologia para o campo.

Esse envolvimento é fundamental em todos os processos de comunicação e, por conseguinte de extensão ou educativo, até mesmo na educação corporativa. Visto que todos os agentes do processo estão envolvidos, discutiram seus aspectos e veem a necessidade da realização da ação, esta tende a tornar-se mais eficiente e eficaz.

“É importante que não apenas o pesquisador tenha interesse na pesquisa, mas que os demais agentes que a integram também tenham interesse, mesmo que esse seja mínimo; esse poderá ser fator indispensável para o sucesso da pesquisa e determinante para a implantação extensionista posterior. Mesmo que a demanda não tenha sido estabelecida pelo produtor rural, é importante para o sucesso da pesquisa que ele compreenda de que modo essa pesquisa será útil para a área” (P1).

Outra questão apontada por P1 refere-se à experiência anterior de participação do produtor em alguma pesquisa. “Quando o produtor rural já participou de alguma pesquisa e não recebeu devolutiva ou não percebeu a importância da mesma, já cria uma cultura de preconceito com qualquer pesquisador. Há ainda casos relatados por produtores nos quais não houve respeito ao produtor na divulgação dos dados ou na abordagem. Tudo isso já cria um ambiente desfavorável para as futuras pesquisas. Por isso temos uma responsabilidade muito grande enquanto pesquisadores, não apenas com a nossa própria pesquisa, mas de deixar as portas abertas para os outros colegas. Se tivermos posturas inadequadas, nossas atitudes podem configurar instrumentos de barreiras à ciência. Olha só o perigo disso” (P1).

Segundo o Pesquisador 2 (P2), que também tem uma vasta experiência como extensionista, a questão confiança está diretamente relacionada à aceitação para as orientações. A fala do pesquisador deixa isso claro: “suponho que a primeira impressão do produtor rural a respeito do pesquisador “abre portas” para uma relação de confiança e aceitabilidade das orientações, ou as “lacra” de maneira quase irreversível”.

Essa confiança e até a criação de certa empatia está associada a diversos fatores. O P2 aponta desde a vestimenta adequada para a abordagem dos produtores rurais até a questão da linguagem. “Neste sentido, a comunicação inadequada foi elencada por mim, como fator limitante neste processo relacional, pois aproxima ou repele o produtor do profissional da extensão rural e do pesquisador”.

De acordo com o P2, a confiança ou o descrédito total serão

estabelecidos por meio do diálogo, ou monólogo, quando a primeira impressão do produtor rural para com o pesquisador for negativa. Esse monólogo ao qual se refere P2 é o que Bordenave (1983) chama de in-comunicação, conforme já conceituado anteriormente.

O pesquisador 2 relata que em muitas ocasiões pode-se também fazer pesquisas com grupos focais, desde que essas reuniões para aplicação dos instrumentos de coleta de dados ocorram no ambiente rural, próximo às propriedades, pois há muita dificuldade em trazer o produtor para fora da sua rotina, sobretudo, os pequenos e o médios produtores, que não têm uma estrutura para deixar a propriedade sob os cuidados de outrem.

É destacado ainda pelo P2 que, no caso de questionários que envolvem ou questões muito particulares, como renda, produtividade, margem de lucro, inconformidades ou até mesmo infração às normas e leis, têm que ser aferidos individualmente, em ambiente privativo. Mesmo assim, há casos em que o próprio produtor relatou que só estava respondendo às questões por conhecer o pesquisador e que não responderia com a mesma confiabilidade para outro que não conhecesse.

O pesquisador 2 traz ainda uma percepção bastante interessante sobre o que o pesquisador pode encontrar no campo quando diz que “os produtores rurais não possuem uma conduta linear, tampouco um nível cultural homogêneo. Por tal motivo, tanto extensionistas como pesquisadores precisam estar preparados tanto para enfrentar cidadãos apáticos por novos conhecimentos, quanto indivíduos ávidos pelos novos saberes, que reconhecem a pesquisa científica como aliada do desenvolvimento do agronegócio, e outros que a desprezam completamente e não conseguem ver sentido em “perder tempo” respondendo a perguntas que ele não sabe para que servem”.

Para P2, argumento também compartilhado por P1, parte da culpa deste desinteresse, pode ser proveniente da conduta dos próprios pesquisadores que não apresentam devolutiva de seus resultados de pesquisa aos entrevistados, que realmente possuem interesses em participar da pesquisa e receber uma devolutiva.

O pesquisador P3 concentra mais sua percepção sobre as dificuldades de comunicação com o produtor aos meios e barreiras geográficas. A obtenção dos contatos dos produtores em algumas áreas, como é o caso de produtores de orgânicos no Brasil, ainda é uma barreira evidente pela falta de uma organização que os cadastre em um banco de dados.

A ausência de sinal de satélite eficiente para uma comunicação via celular, ou mesmo de telefone fixo, também é uma realidade em muitas regiões do Brasil, nas quais, muitas vezes, não há, nem mesmo, energia elétrica. O P3 observou que a mesma pesquisa de campo realizada com

alguns produtores pelo telefone e com outros presencialmente, os dados obtidos junto a estes últimos tiveram resultados mais efetivos e fidedignos, pois em muitas questões pode-se constatar *in loco* o que o produtor respondia.

O P3 observou ainda a heterogeneidade na formação dos produtores, mesmo todos atuando no mesmo segmento de produção rural; no caso desse relato – a produção orgânica. Tal diferença é destacada com relação à região do país em que esse produtor está localizado e ao nível de escolaridade. O pesquisador exemplifica que “os produtores do Rio Grande do Sul e do estado de São Paulo tiveram menores dificuldades de compreensão das questões apresentadas, enquanto que os produtores do Pará não compreenderam tão facilmente as questões, sendo necessário um tempo maior para a aplicação dos formulários em razão da necessidade de explicação das questões elaboradas”. No entanto, evidencia que a pesquisa presencial conseguiu mitigar essas barreiras, o que nem sempre foi possível por telefone.

Apesar da dificuldade apontada para a aplicação dos questionários, aqueles que foram enviados por *e-mail* ou pelo correio e que o pesquisador conseguiu a resposta, também apresentaram vários problemas, dentre os quais se destacam: questionários devolvidos incompletos, com questões que não exigiam um nível de compreensão mais aprofundado, como por exemplo: “quais produtos você produz?”; “em que ano obteve o certificado de orgânico?”. Ocorreram alguns casos também das respostas estarem ilegíveis.

Em algumas questões mais elaboradas e que exigiam um nível de compreensão maior, muitos produtores assinalavam todas as respostas ou deixavam em branco, o que também prejudica a pesquisa.

O pesquisador 3 observou, ainda, em alguns casos nos quais a comunicação era intermediada por associações ou outras organizações, uma falta de confiança nas respostas obtidas, uma vez que se detectou que todos os questionários foram respondidos por uma única pessoa, embora apresentassem identificações distintas, como se tivessem sido preenchidos pelos produtores de modo individual.

O problema, como relata P3, “foi que muitas respostas eram semelhantes ou iguais entre os questionários, o que pode não retratar de fato aquilo que o produtor pensa. A identificação desse problema pôde ser confirmada quando foi realizada uma pesquisa de campo *in loco* com alguns desses produtores, nos quais foi possível entrevistá-los e identificar que as respostas estavam diferentes das que estavam no questionário recebido por meio postal”.

Ressalta-se também a baixa utilização da internet pelos produtores

rurais, que poderia ser um instrumento útil e rápido para a realização das pesquisas. Foi observado, ainda, pelo P3 que os produtores resistem em preencher questionários, tanto manual como via internet, sendo necessário que o pesquisador tenha que ligar, ou enviar *e-mail* cobrando o preenchimento do questionário.

O pesquisador P4, que tem uma experiência muito grande junto a produtores familiares, também expressa a necessidade da coleta de dados presencialmente, uma vez que a compreensão dos objetivos da pesquisa é um pré-requisito importante para a qualidade dos dados obtidos. P4 afirma que a comunicação verbal sozinha não é eficiente, vem acompanhada dos gestos e do tempo para a pesquisa, pois ao longo do seu desenvolvimento vão surgindo dúvidas por parte dos produtores e que o pesquisador pode ir sanando sem interferir nas respostas.

No que se refere à abordagem dos produtores familiares para participação nas pesquisas, o P4 considera que as instituições de apoio, como a Coordenadoria de Assistência Técnica Integrada (CATI), as secretarias municipais de agricultura, as cooperativas e associações foram de grande importância para o contato inicial com os produtores. O pesquisador 4 relata ainda que, ao acionar os produtores, pelo telefone, não encontrou resistência para participar da pesquisa, apesar de ter percebido que não compreendiam o motivo da entrevista naquele momento.

Fala também da heterogeneidade dos públicos, mesmo dentro do perfil “produtor familiar”. P4 relata que muitas vezes a abordagem é a mesma no início da coleta de dados e depois vai percebendo a maneira mais eficiente de se comunicar com cada um deles ao longo da entrevista. Essa constatação revela a importância da percepção da comunicação que o pesquisador deve ter ao longo da coleta de dados e depois o extensionista durante o processo de transferência de conhecimento.

No que se refere a experiências com produtores não familiares, P4 relata que a dinâmica é bem distinta se comparada à dinâmica com os produtores familiares. O contato inicial pode ser intermediado também por parceiros comerciais ou por colegas pesquisadores. A dificuldade maior em marcar as entrevistas ocorreu em função das agendas muito ocupadas dos produtores. Durante as entrevistas com esses produtores, as maiores dificuldades decorrem das interrupções de telefones e de outras pessoas. O objetivo da pesquisa, de acordo com P4, parecia ser facilmente compreendido; no entanto, os produtores preocupavam-se bastante com o sigilo das informações. Não se identificou dificuldade com a linguagem, e os produtores eram sucintos. “Iam direto ao ponto e não desviavam do foco da pergunta”. É importante destacar que a maior experiência de P4 é

com produtores familiares.

O pesquisador externo 1 (E1) fala sobre a necessidade de adequar os meios e a linguagem aos diversos públicos que compõem o agronegócio. Cita como exemplo o *site* da Embrapa em cujo canal há as informações específicas, tanto em conteúdo quanto em linguagem, ao público-alvo que busca a informação.

“Se você acessar o *site* da Embrapa como pesquisador terá acesso a uma linguagem e materiais distintos que se acessar como produtor, por exemplo” (E1). No portal da Embrapa existe um ícone “Navegue por Públicos”, no qual são encontradas quatro opções de público: produtor, ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural), Comunidade Científica e Criança. Essa segmentação reflete a preocupação com a heterogeneidade dos públicos e com a eficácia da comunicação entre a empresa e os seus diversos públicos.

De acordo com E1 a comunicação recebe uma atenção muito grande por parte dos pesquisadores da Embrapa. Já é consenso entre eles que a boa comunicação é fator determinante para o sucesso de uma pesquisa. “Tanto é verdade que a Embrapa mantém uma forte estrutura de comunicação com jornalistas, relações públicas e publicitários. Esses profissionais ajudam os pesquisadores na divulgação dos resultados da suas pesquisas junto à imprensa e ao público de maneira geral. Isso é muito bom porque os resultados das pesquisas não ficam restritos aos periódicos científicos que só são lidos por pesquisadores e não têm uma linguagem apropriada ao grande público”.

Para E1, o fato da Embrapa já ser uma instituição conceituada e respeitada junto aos seus vários públicos facilita o acesso aos produtores, então a sua principal preocupação é realmente com a adequação da linguagem. Também há, em todas as unidades da Embrapa, um departamento de comunicação responsável pela divulgação das pesquisas que são realizadas. “Essa divulgação, em formato mais jornalístico e acessível a todos os públicos, é fundamental para que a sociedade conheça o trabalho dos pesquisadores da Embrapa” (E1).

A questão dos canais de comunicação também é uma preocupação muito forte da Embrapa. “Há vários canais para nos comunicarmos com nossos públicos distintos. Temos cartilhas, relatórios, comunicações científicas, manuais, programas de rádio, *site*, redes sociais, *releases* para a imprensa, Dia de Campo, enfim, diversos meios para termos uma comunicação mais eficiente e que possam atingir todos os nossos públicos-alvo” (E1).

“No entanto, como a Embrapa tem seu foco na pesquisa e no desenvolvimento de tecnologia e não está diretamente ligada à extensão,

perde-se um pouco na devolutiva para o campo, em termos de processo de comunicação e de transferência de tecnologia, apesar de isso hoje estar bem melhor. Mas deveria haver mais integração com as instituições de extensão” (E1).

Para o pesquisador externo 2 (E2), durante o processo de realização da *Survey*, ocorreram algumas dificuldades pontuais de comunicação. A questão da língua, por exemplo, impossibilitou que um dos pesquisadores aplicasse o questionário, uma vez que por ser norte-americano e sem o domínio da língua portuguesa poderia não ser compreendido na totalidade, assim como teria dificuldades de compreensão do código utilizado. Essa barreira constitui a já conceituada barreira semântica, mas envolve também questões que são afetadas pelas barreiras pessoais, principalmente referentes à forma de abordagem e aspectos culturais.

O E2 aborda, ainda, que a comunicação fluiu mais fácil com o produtor que tinha mais conhecimento da produção, e isso se vinculava diretamente ao tipo de contrato ao qual ele está submetido. Ele exemplifica que produtores com contratos de arrendamento com usinas sucroalcooleiras têm um conhecimento muito menor sobre o processo produtivo que os produtores que têm contrato de fornecimento de cana-de-açúcar. Tal evidência também vai se refletir na qualidade dos dados obtidos na pesquisa e na transferência da conhecimento para o campo.

Outra dificuldade apontada por E2 também se refere à questão da confiança. Todos os produtores foram contatados previamente e agendadas as entrevistas, normalmente por meio de associações e outras instituições de apoio. Mesmo assim, durante a abordagem para a aplicação da *Survey* havia uma desconfiança, chegando ao ponto de alguns produtores pedirem a identificação dos pesquisadores, uma vez que eles não estavam identificados. Aliás, uma falha do processo de organização do grupo de pesquisa apontada por E2.

Outra preocupação dos produtores, percebida por E2, era a de saber se tinham respondido bem às questões, como se estivessem passando por um processo avaliativo. Tal preocupação pode ter mascarado informações importantes, ou então o produtor “inventado” respostas com receio de não dar a informação que não detinha. Nesse mesmo sentido, percebe-se que as respostas imprecisas são muitas. “Muitos produtores que não tinham os dados em mãos chutam valores e volumes”.

Assim é importante que o pesquisador tenha cuidado em não interferir nas respostas, como por exemplo, elucidando possíveis respostas. E2 sugere: “alguns cuidados durante a entrevista por parte do pesquisador: não sugerir uma resposta lógica quando os produtores rurais demoram para responder; é preciso dar tempo para o produtor pensar. E quando

pedirem explicação, somente esclarecer a pergunta, sem dar exemplos de respostas. Alguns pediam a opinião do pesquisador sobre o que ele achava que deveria ser respondido; tem que insistir que ele não pode responder”.

Por fim, o E3, que é representante da organização privada, considerada por esta pesquisa como modelo bem-sucedido para mitigar as barreiras comunicacionais, relata as relações estabelecidas entre pesquisadores, extensionistas e produtores rurais. Para ele, um dos elementos essenciais para esse modelo é a proximidade, a linguagem acessível e a confiança.

“Há esforços em várias direções para atingir todos os nossos cooperados. Todas as pesquisas que fazemos são publicadas em periódicos científicos, mas o foco principal são os relatórios e manuais para os cooperados em uma linguagem que eles possam entender, assim como o Dia de Campo. Buscamos o melhor meio para transmitir a informação. Já fizemos filmagens de dispersão de fertilizantes para que o produtor veja fisicamente como está perdendo dinheiro caso não utilize corretamente as recomendações para a aplicação de insumos. Isso poderia ser mostrado num gráfico ou em texto, mas a realidade mais concreta é muito melhor assimilada pelo produtor. Além disso, muitos deles ou são muito ocupados ou não têm hábito de ler textos longos. No nosso caso, ainda há um complicador: muitos dos nossos cooperados não falam muito bem a língua portuguesa e alguns nem falam” (E3).

Uma questão de grande importância destacada por E3 é que todas as pesquisas a serem realizadas são advindas da demanda dos produtores. A cooperativa que mantém a Fundação de Pesquisa define anualmente quais são os projetos que serão desenvolvidos e qual recurso existe disponível para fomentar essas pesquisas.

“Como a demanda vem dos próprios produtores ou sentidas pelos extensionistas e pesquisadores em contato com os produtores, é muito mais fácil para implementar os resultados dessas pesquisas que são em sua totalidade aplicadas” (P3).

O pesquisador externo 3 diz que a questão da confiança é exercitada por meio da proximidade entre os pesquisadores, extensionistas e produtores rurais da cooperativa, o que facilita tanto a realização da pesquisa quanto a implantação das tecnologias decorrentes da mesma. Mesmo assim, E3 relata que alguns produtores são mais resistentes às mudanças e então os empreendedores mais inovadores implementam primeiro e, dando certo, os demais aderem posteriormente. “Nem todos são facilmente convencidos, principalmente quando se tem uma mudança maior. Têm alguns que precisam ter certeza que dará certo primeiro para depois participarem”.

Diante das diferentes posturas dos próprios cooperados, é importante, de acordo com E3, que vários instrumentos de comunicação sejam

utilizados tanto para a realização da pesquisa quanto para o convencimento na adoção da tecnologia.

Para E3, a maior eficácia na comunicação deve-se à utilização dos meios e mensagens adequadas, mas principalmente da proximidade com os produtores e extensionistas e dos resultados efetivados. “Logo que cheguei aqui os produtores não tinham muita confiança, mas aos poucos foram vendo o meu trabalho, tendo resultados e então, com o tempo, passaram a confiar. Hoje quando eu falo alguma coisa, eles têm muita confiança de que está certo” (E3).

De acordo com E3 a questão da comunicação é ponto central de atenção da Cooperativa e da Fundação de Pesquisa e perpassa por todos os setores. “Desde a adoção das tecnologias utilizadas, que têm que ser testadas e recomendadas pelos pesquisadores, até o preparo para o processo de sucessão das propriedades e relacionamentos interpessoais. Não é um processo pontual e nem isolado. A comunicação tem que estar presente na organização como um todo e dar apoio às tomadas de decisão e à gestão. Hoje se um cooperado quer comprar um equipamento, ele tem todo um relatório sobre a eficiência daquele equipamento, qual é o recomendado, como e quando deve ser adquirido; o mesmo para os fertilizantes, para os processos de irrigação e outros mais. Ele tem informação sobre tudo que precisa e uma avaliação nossa se realmente precisa, e se não temos a resposta, vamos atrás para resolver o problema. Muitas vezes antecipamos um problema que pode vir a acontecer, como é o caso de pragas que arrasaram produções nas imediações e que por nos anteciparmos não deixamos que ela chegasse aqui” (E3).

E3 diz que essa integração no processo relacional - pesquisador, extensionista e produtor rural e, acrescenta também, a organização (aqui fala da cooperativa e da fundação de pesquisa) é o fator predominante para o sucesso da comunicação. Essa proximidade favorece a confiança, diminui os ruídos e é assertiva, já que atende às demandas necessárias.

O pesquisador externo 3 relata que mesmo com uma política de comunicação efetiva, quando a fundação de pesquisa ou a cooperativa realizam pesquisa de satisfação com os cooperados, a questão da comunicação ainda é apontada como ponto falho.

Para sintetizar, as experiências apontadas pelos pesquisadores e as necessidades que devem ser atendidas para que se busque uma maior eficiência no processo dialógico entre pesquisadores e produtores rurais são apresentadas no Quadro 1, que não tem a pretensão de estabelecer modelos, mas sim de apresentar procedimentos que devem ser considerados durante a coleta de dados, auxiliando no processo comunicacional.

Barreiras	Situações relatadas	Necessidades
Semântica - linguagem adequada a um público heterogêneo.	Já existe um consenso por parte dos pesquisadores e das instituições de pesquisa sobre a necessidade de a linguagem ser adequada ao público-alvo.	Estabelecer condições para um processo de <i>feedback</i> para verificar se a mensagem foi compreendida. Também devem ser respeitadas as diferenças de linguagem devido a questões de nível educacional, cultural e regionalidades. Assim como o tempo para a compreensão da questão.
Pessoal/Psicológico Necessidade da pesquisa	Entende-se que a demanda advinda do produtor ou mesmo que seja compreendida por ele, facilita o processo de coleta e qualidade dos dados obtidos.	Estabelecer proximidade com produtores, associações e cooperativas para conhecer as demandas e também para expor suas necessidades e interesses de pesquisa. Mesmo que a pesquisa não seja aplicada, a proximidade propicia uma confiança e empatia, importantes ao processo dialógico.
Pessoal/Psicológico Experiências anteriores mal- sucedidas	Constata-se que as experiências de contatos anteriores entre produtores e pesquisadores que não foram bem sucedidas causam indisposição para a participação em pesquisas futuras	Nesse sentido há algumas recomendações fundamentais: Modo de abordagem ético e respeitoso. Tratamento ético dos dados obtidos, respeitando o anonimato do produtor quando for o caso. Dar retorno dos resultados da pesquisa para que o produtor consiga materializar a importância da sua participação na pesquisa.
Pessoal/Psicológico Ausência de confiança	Entende-se que muitos dados, principalmente de renda, bens, assim como práticas	Destaca-se nesse sentido mais uma vez a importância da proximidade com os

Mitigando as barreiras de comunicação entre pesquisador e produtor rural

	<p>ilegais ou politicamente incorretas, só são respondidos com veracidade quando há a confiança no pesquisador.</p>	<p>produtores e suas instituições representativas, de modo a estabelecer a confiança. Também é relevante para o acesso de pesquisadores no futuro que a conduta tenha sido ética e que tenha ocorrido devolutiva dos dados.</p>
<p>Coleta de dados intermediada por meios de comunicação ou por instituições representativas dos produtores.</p>	<p>Constata-se que para pesquisador que realiza pesquisa junto ao produtor rural à pesquisa presencial é sempre preferível a realizada por telefone, <i>e-mail</i> ou correio.</p>	<p>A pesquisa presencial, além de evitar a incompreensão das perguntas e muitas vezes das respostas, evita questões devolvidas em branco, ou preenchidas por uma mesma pessoa, ainda dá ao pesquisador a possibilidade de observação, o que pode comprovar dados respondidos pelos produtores.</p>
<p>Dificuldade de agendamento</p>	<p>Muitos produtores não estão organizados em associações ou não “mapeados” o que dificulta muito o acesso.</p> <p>Há ainda o caso destes produtores estarem bem organizados, mas por serem muito ocupados não dispõem de agenda.</p>	<p>A importância da maior aproximação com produtores e suas representações pode facilitar o agendamento de entrevistas utilizando a indicação pessoal dos próprios produtores.</p> <p>Também há a necessidade do pesquisador se adequar à agenda dos produtores.</p>
<p>Geográfica</p>	<p>Verifica-se que o local para a realização da pesquisa nem sempre é acessível ao pesquisador, que tem que percorrer estradas perigosas, longas distâncias, ausência de hospedagem.</p>	<p>O pesquisador tem que se adequar às necessidades do produtor ou aproveitar reuniões de suas instituições de apoio e dias de campo para coleta de dados.</p> <p>Lembrando que, para dados sigilosos, a pesquisa tem sempre que ser realizada de modo individual.</p>

<p>Geográfica e acesso às TICs</p>	<p>Constata-se que a localização da propriedade, o poder aquisitivo e a inclusão digital ainda são problemas recorrentes para o produtor rural. Tais questões relacionam-se a questões técnicas de ausência de sinal de telefonia, internet e muitas vezes até de energia elétrica, mas também está associada à falta de habilidades e competências para a utilização das TICs.</p>	<p>Estabelecer mais discussões sobre o acesso às novas tecnologias de informação e de comunicação para o produtor rural, sobretudo para o pequeno, assim como programas para incluí-lo digitalmente, capacitando-o para o uso de tais tecnologias.</p>
<p>Adequação dos meios ao público-alvo</p>	<p>Essa também já é uma necessidade consensual entre os pesquisadores sobre a necessidade de adequação dos meios ao produtor rural.</p>	<p>Tal adequação deve ser verificada desde o instrumento de coleta de dados, como por exemplo, melhor o formulário aplicado pelo pesquisador que o questionário respondido pelo próprio produtor, uma vez que muitos são analfabetos ou têm dificuldade de leitura e escrita. Também deve ser destacado o meio para devolutiva dos resultados da pesquisa. Na maior parte das vezes o pesquisador publica apenas em periódicos científicos que não são lidos pelos produtores.</p>
<p>Identificação da instituição e do pesquisador</p>	<p>A identificação da instituição na qual o pesquisador trabalha e sua própria dão maior credibilidade e acesso ao produtor.</p>	<p>A utilização de carros logomarcados, uniformes ou camisetas de identificação, crachá e até cartões de identificação auxiliam na credibilidade do pesquisador junto ao produtor rural.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Procedimentos como os indicados no Quadro 1 poderão ser fundamentais para o acesso ao produtor, a dados mais precisos e fidedignos, e, portanto, de pesquisas com maior inserção e mais condizentes com as necessidades do campo. Considera-se, ainda, que todo esse processo irá facilitar, futuramente, a devolutiva dessa pesquisa em forma de transferência de tecnologia para o campo.

Considerações finais

Diante dos relatos de experiência dos pesquisadores internos e externos foi possível constatar várias barreiras de comunicação conceituadas na introdução deste artigo. Algumas barreiras tiveram maior relevância para os pesquisadores entrevistados que outras, mas a percepção das mesmas foi evidenciada por todos.

No que se refere ao interesse da pesquisa, observa-se que o mesmo não deve estar restrito apenas ao pesquisador. Para a eficácia da realização da pesquisa, assim como para a sua possível aplicação e transferência de tecnologia, é importante que os produtores rurais também tenham interesse na mesma. Se for uma demanda advinda e/ou percebida pelos produtores então, a possibilidade de sucesso da pesquisa e da adoção do novo conhecimento decorrente desta torna-se muito maior. Essa percepção da P1 é confirmada nas experiências empíricas de P2 e de E3, como se pode observar nos relatos.

Uma das barreiras de comunicação relatadas pelos pesquisadores é pessoal. A questão da confiança, fortemente indicada por P2 e por E3, é mitigada pela proximidade entre pesquisador e produtor, assim como pelo êxito decorrente dos resultados das pesquisas. E3 aponta ainda outro elo - a instituição, no caso específico - a cooperativa e a fundação de pesquisa - como sendo parte fundamental para o apoio do processo.

Também contribuem para a confiança e para a empatia - a linguagem, formas de se vestir, a atenção, a identificação do pesquisador (carteira, crachá, carro logotipado, uniforme, instituição já conceituada etc.) e até mesmo a indicação de algum conhecido do produtor. Outra questão importante, apontada principalmente por P1, refere-se às experiências anteriores de pesquisas das quais os produtores participaram. "Se receberam devolutiva, e se foram respeitados tanto da perspectiva do sigilo quanto da abordagem respeitosa, serão fatores decisivos para a confiança em futuros pesquisadores".

As barreiras geográficas e de acesso aos meios de comunicação também foram apontadas com veemência em todos os relatos, com maior destaque pelos pesquisadores P2 e P3 no entanto, estiveram presentes em todos os relatos, com exceção do E3, uma vez que, no caso da cooperativa

essa barreira não existe, por estarem todos sediados na mesma região e com uma realidade tecnológica e de acesso aos meios de comunicação muito superior ao registrado no Brasil.

A questão da linguagem, apesar de ser uma preocupação de todos os pesquisadores entrevistados, estes apontam para a necessidade de haver um maior *feedback* e acompanhamento tanto com relação à devolutiva dos resultados da pesquisa para o produtor quanto da implementação da tecnologia por parte dos extensionistas. O que se percebe é que muitas vezes a resistência dos produtores em participarem de alguma pesquisa decorre da ausência de devolutivas. Ele responde a um questionário ou concede uma entrevista, mas não recebe uma devolutiva ou não consegue associar os resultados dessa pesquisa a uma política pública implementada ou a uma nova tecnologia que surgiu.

A barreira burocrática também é registrada, sobretudo, nas intermediações para os agendamentos das pesquisas e, em alguns casos, como relatado por P3, até mesmo no preenchimento dos questionários. No entanto, o contato e apoio das instituições são importantes, uma vez que o acesso aos produtores muitas vezes é feito por meio destas.

Observou-se também a barreira burocrática, uma vez que a agenda e as interferências externas, sobretudo tratando-se de grandes produtores, também é um ponto que merece destaque, uma vez que o pesquisador tem que se adequar aos horários e locais que o produtor pode atendê-lo, assim como estar preparado para as interrupções causadas por agentes externos, como, por exemplo, telefonemas constantes durante a entrevista.

A heterogeneidade dos públicos, mesmo dentro de um mesmo segmento, também demanda uma adequação de linguagens e até o mesmo de canal de comunicação, o que deve ser observado pelo pesquisador tanto no momento de realizar a pesquisa quanto para a devolutiva. É unanimidade entre os pesquisadores entrevistados que a pesquisa presencial com o produtor rural é a melhor forma de coleta de dados.

Ainda com relação à heterogeneidade dos públicos, ainda vale refletir sobre a percepção do pesquisador com relação ao tipo de produtor que está entrevistando e aos poucos tentar adequar-se à realidade do entrevistado, causando desse modo uma maior abertura.

A barreira mecânica no processo de comunicação entre produtor e pesquisador também contribui para a baixa eficiência do processo de pesquisa. A ausência ou deficiência de meios de comunicação e outras tecnologias, como telefone fixo, celular, energia elétrica, computadores, internet são elementos que potencializam as barreiras de comunicação e dificultam até o agendamento das entrevistas.

Outra questão importante discutida pelos pesquisadores e destacadas por E2 é o conhecimento do produtor associado ao interesse que ele tem na atividade que desenvolve. A diferença de produtores não envolvidos diretamente na atividade agrícola em termos de conhecimentos é distinta aos produtores que se dedicam efetivamente àquela atividade.

Essa distinção de conhecimento da atividade também se reflete nos resultados da pesquisa. Assim, sugere-se que sejam elaborados instrumentos distintos para cada perfil de produtores. A mesma interferência está na imprecisão de dados quando o produtor não tem dados em mãos durante a aplicação da pesquisa. Percebe-se que, muitas vezes, os dados são apenas estimados e podem, ou não, se aproximar do real, uma vez que a vergonha de não ter a informação faz com que o produtor arrisque responder questões que ele não tem ideia da resposta. Obviamente que esses desvios devem ser considerados pelos pesquisadores.

No contexto das barreiras identificadas neste artigo, por meio do relato dos pesquisadores, pode-se sintetizar que o processo da comunicação, assim como prevê a teoria, é um processo extremamente complexo e que, mesmo com todos os esforços no sentido de minimizar as barreiras, isso não garante a eficácia da comunicação. No entanto, apreende-se que um processo que integre os agentes do processo comunicacional - pesquisador - extensionista - produtor rural - instituições de apoio é fundamental para o sucesso da comunicação, uma vez que propicia confiança, diminui os ruídos, atende às reais demandas e realiza constantemente a retroalimentação do sistema por meio do *feedback*.

Referências bibliográficas

- BERNARDO, C. H. C.; BERNARDO, R. Gestão da Comunicação para o agronegócio. *Revista Cambiassu*. UFMA, n.12, p. 43-55, jan/jun. 2013.
- BORDENAVE, J. D. *O que é comunicação rural*. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- KUNSCH, Margarida M. Krohling. *Planejamento de relações públicas na comunicação integrada*. São Paulo: Summus, 2003.
- LUHMANN, Niklas & DE GEORGI, Raffaele. *Teoría de lasociedad*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 1993.
- MAGALHÃES, Hélio Augusto. *Cenários da comunicação e sistema de informação no meio rural*. 2011. Disponível em <file:///C:/Users/User/Desktop/cenarios+da+ comunicacao%20(1).pdf> . Acesso em: 9 ago. 2016.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta; NEVES, Fabricio Monteiro. O que há de complexo no mundo complexo? Niklas Luhmann e a Teoria dos Sistemas Sociais. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 8, n. 15, p. 182-207, jan.-jun. 2006.

PORTAL BRASIL. 2015. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2015/11/programa-luz-para-todos-chegou-a-15-6-milhoes-de-brasileiros-em-12-anos>> Acesso em: 9 ago. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as Ciências*. 13. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

BERNARDO, Cristiane Hengler Corrêa, Sílvia Cristina Vieira, Ana Elisa Bressan Smith Lourenzani, Andréa Rossi Scalco e Roberto Bernardo. Mitigando as barreiras de comunicação entre pesquisador e produtor rural. *Estudos Sociedade e Agricultura*, outubro de 2016, vol. 24, n. 2, p. 545-568, ISSN 1413-0580.

Resumo: (*Mitigando as barreiras de comunicação entre pesquisador e produtor rural*). Este artigo procura identificar as principais barreiras de comunicação entre os produtores rurais e pesquisadores do agronegócio, na perspectiva deste último. Ao passo que essas barreiras forem identificadas, objetiva-se a proposição de estratégias metodológicas que possam mitigá-las de modo a tornar a comunicação bilateral mais eficiente. Como parte da referida pesquisa buscou-se, por meio de relatos de experiência de pesquisadores, as principais dificuldades de comunicação encontradas pelos mesmos durante o processo de pesquisa. Este artigo centra suas reflexões na perspectiva do pesquisador. O projeto de pesquisa que dá origem a este artigo é integrado por sete pesquisadores que dispõem de experiências profissionais diversas. Alguns desses pesquisadores, que serão identificados como P1, P2, P3 e P4 e que são vinculados à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita” (UNESP), apresentam relatos de experiências que servem de subsídios para as discussões propostas neste artigo. Também integram esses relatos três pesquisadores externos ao projeto, identificados como E1, E2 e E3. Um deles é pertencente à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), outro a uma organização de pesquisa particular, vinculada a uma cooperativa agrícola e o terceiro pesquisador integrou um grupo de pesquisadores americanos que realizou pesquisas no Brasil e relata essa experiência em especial. O artigo apresenta as barreiras de comunicação identificadas na perspectiva dos pesquisadores,

sendo que as principais são caracterizadas pela questão da linguagem, dos meios, das resistências pessoais, das geográficas e de acesso às TICs. Como recomendações para mitigar as barreiras levantadas apresenta-se o estabelecimento de uma relação de proximidade e confiança com o produtor, verificação de demandas, retroalimentação das mensagens e utilização de instrumentos e meios de coleta de dados adequados ao produtor, estes aplicados, preferencialmente, de modo presencial.

Palavras-chave: agronegócio, comunicação rural, pesquisador, extensão.

Abstract: (*Mitigating communication barriers between researcher and farmer*). The purpose of this paper is to identify the main communication barriers between farmers and researchers in the agribusiness field, through the viewpoint of the latter. As the barriers were identified, methodological strategies were developed to mitigate such barriers seeking to improve effective two-way communication. As part of the research, through collection of researchers' experience reports, the main communication difficulties they encountered during the research process were identified. The study involved seven researchers who have diverse professional experience. P1; P2; P3 and P4 researchers are linked to the São Paulo State University "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) and presented experience reports that contributed to discussions proposed in this paper. Three external researchers also played a part in these reports, identified as E1; E2 and E3. One is linked to the Brazilian Agricultural Research Corporation (Embrapa), another belongs to an organization of private research linked to an agricultural cooperative and the third investigator was a member of a group of American researchers who conducted research in Brazil and reports on that experience. The principal communication barriers identified by the researchers are language, the media, personal strengths, geographical barriers and access to information and communication technologies. The recommendations to mitigate the identified barriers included the establishment of a relationship of closeness and trust between farmers and researchers, the verification of demands, feedback on messages and the use of instruments and data collection appropriate to the producer, applied preferably on a face-to-face basis.

Keywords: agribusiness, rural communication, researcher, extension.

Recebido em agosto de 2016.

Aceito em outubro de 2016.